



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

RODRIGO RAFAEL GOMES

**O ENSINO DE HISTÓRIA SOB UMA PERSPECTIVA EXPERIMENTAL DE
ESTÁGIO REGÊNCIA**

**GUARABIRA
2021**

RODRIGO RAFAEL GOMES

**O ENSINO DE HISTÓRIA SOB UMA PERSPECTIVA EXPERIMENTAL DE
ESTÁGIO REGÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Orientador: Prof. Dr. João Bueno

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633e Gomes, Rodrigo Rafael.

O ensino de História sob uma perspectiva experimental de estágio regência [manuscrito] / Rodrigo Rafael Gomes. - 2021.
21 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. João Bueno , Coordenação do Curso de História - CH."

1. História. 2. Educação. 3. Estágio. 4. Docência. I. Título

21. ed. CDD 981

RODRIGO RAFAEL GOMES

**O ENSINO DE HISTÓRIA SOB UMA PERSPECTIVA EXPERIMENTAL DE
ESTÁGIO REGÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Aprovada em: 03/06/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Bueno (Orientador)
Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Luciana Calissi
Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Waldecir Ferreira
Chagas
Universidade Estadual da

Paraíba (UEPB)
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - TURMA DO 9º ANO.....21

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - ESTRUTURA MATERIAL E PEDAGÓGICA DA ESCOLA.....	19
--	-----------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL	12
2. O CAMPO DE ESTÁGIO: A ESCOLA	13
2.1 A EXPERIÊNCIA DOCENTE	14
3 METODOLOGIA	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
5 CONCLUSÃO	21
6 REFERÊNCIAS	22

O ENSINO DE HISTÓRIA SOB UMA PERSPECTIVA EXPERIMENTAL DE ESTÁGIO REGÊNCIA

Rodrigo Rafael Gomes¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer um breve histórico sobre a importância da História ao longo do tempo, assim como, mostrar e discutir os resultados da minha experiência de estágio na escola Valdevino Ribeiro da Silva na Cidade de Curral de Cima - PB na qual estagiei no ano de 2018 na turma de 9º ano. Nesse contexto, mediante as visitas à instituição escolar, muitas questões passíveis de melhora foram encontradas em relação às metodologias de ensino, mau uso do espaço escolar e baixos níveis de alfabetização entre os alunos. Para embasamento teórico deste trabalho foram utilizados os autores: (ALMEIDA, 2018), (BITTENCOURT, 2008) e (KARNAL, 2012).

Palavras-chave: História. Educação. Estágio. Docência.

ABSTRACT

This work aims to make a brief history about the importance of History over time, as well as to show and discuss the results of my internship experience at the Valdevino Ribeiro da Silva school in the City of Curral de Cima - PB where I did my internship in the year 2018 in the 9th grade class. In this context, through visits to the school institution, many issues that could be improved were found in relation to teaching methodologies, misuse of school space and low levels of literacy among students. For the theoretical basis of this work, the following authors were used: (ALMEIDA, 2018), (BITTENCOURT, 2008) and (KARNAL, 2012).

Keywords: History. Education. internship. Teaching.

¹ Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III
E-mail: rodrigorafael49@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A História é uma disciplina escolar, bem como, é o estudo dos homens no tempo. No entanto, se levarmos em consideração os antigos escritos e a história oral, vemos que ela permeia a humanidade desde as primeiras civilizações. Dessa forma, observamos a importância da História para a sociedade na construção de um imaginário, bem como, no entendimento da evolução humana desde os primeiros grupos humanos, passando pelas primeiras leis escritas, ensinadas de geração em geração, até a formação dos Estados nacionais modernos.

Na sociedade ocidental judaico-cristã, por exemplo, os escritos sagrados servem como fonte histórica da antiguidade não somente para os fiéis, mas para a sociedade em geral, uma vez que páginas da Bíblia são citadas em trabalhos acadêmicos, livros, teses, entre outras produções bibliográficas. Nesse sentido, percebemos que a História perpassa os muros das universidades e atravessa um campo enorme de conhecimentos.

A História está em tudo, em todos e a todo tempo, assim como na escola, onde aprendemos (ou pelo menos deveríamos aprender) o básico da Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia e História. Mas nem sempre foi assim, pois segundo Almeida:

A história da educação escolar no Ocidente, aquela voltada para pensar as normas e condutas sociais, para a explicação do poder político, para pensar a natureza e seus impactos na vida em sociedade, para as técnicas de ensinar e para a profissionalização remonta à Antiguidade Clássica, mais precisamente aos gregos, ainda na transição entre os períodos arcaico e clássico. A educação grega desses períodos pode ser compreendida a partir do que espartanos e atenienses concebiam com ensino escolar (ALMEIDA, 2018, p. 21).

Nesse sentido, vemos que a educação obedece às necessidades de cada época. Se na Antiguidade Grega as crianças espartanas tinham uma educação voltada para a guerra, na Alta Idade Média vamos observar uma noção diferente, a educação voltada sobretudo para o cristianismo. “[...] no século VI, a cultura e a escola se reorganizam por meio da Igreja. Dois tipos de clero se encarregaram do ensino nos espaços da Igreja: o clero secular, que atuava nas paróquias e nos bispados e o clero regular, que atuava nos mosteiros” (ALMEIDA, 2018, p. 28 Apud MANACORDA, 2002, p. 114).

Então, observamos diferentes percepções quanto à utilização do que se entende por educação durante a história, ora ela serve à guerra ora serve a “Deus”, dependendo da vontade de quem estiver no poder. Almeida fala que:

Nos mosteiros, onde havia muitos analfabetos, a regra principal era a de que os monges não poderiam ficar no ócio, considerado o pai dos vícios. Havia nos mosteiros a estreita relação entre trabalho manual e intelectual, o que não impedia o trabalho servil. Assim, não havia uma nova condição social do trabalho, como muitos alegam ao se debruçarem sobre a educação monasterial. Tanto nas escolas paroquiais quanto nos mosteiros houve a mudança de fonte de saberes para o ensino. Os clássicos gregos e romanos foram substituídos pelas tradições bíblicas e evangélicas. Se havia o uso da cultura clássica, essa servia apenas como instrumento para melhorar o ensino cristão. Padres e monges primavam mais pela aculturação do que pela instrução (ALMEIDA, 2018, p. 29).

A educação então se molda, se transforma, se adequa conforme o tempo e assume papéis distintos, não representando, portanto, algo imutável. É o que podemos notar mais uma vez, quando saímos da Idade Média e adentramos à Idade Moderna e seu pensamento liberal que começa a ganhar forma em algumas partes do globo.

Almeida (2018) argumenta que aos fins da Idade Média, o que se entende por Baixa Idade Média, a Igreja começa a ver os seus dogmas serem contestados por movimentos artísticos e ligados à ciência, movimentos esses que começam a questionar as “verdades imutáveis” impostas pelo Clero no mundo feudo-medieval. Eram críticas que abriam espaço para uma ruptura institucional na própria Igreja, dando vez a possibilidade da construção do “Capitalismo”, e/ou uma filosofia de livre mercado, o que iria gerar um novo rumo para a educação.

Nesse sentido, Almeida afirma que:

A educação religiosa medieval, em transformações profundas desde o século XIV, sofrerá os abalos causados pela modernidade do século XVI, marcada pela consolidação dos estados nacionais europeus e da burguesia, pelas reformas religiosas, pelo fortalecimento do capitalismo, por avanços científicos e em consequência de nova geopolítica ritmada pelas grandes navegações e ocupação do continente americano pelos europeus. (ALMEIDA, 2018, p. 32).

A ruptura do conceito de educação medieval católica fica mais evidente com o advento da Reforma Protestante que invade a Europa no século XVI. Ela transformou a religião, assim como, o que se entendia por ciência, a relação com o trabalho e a política. A nova Igreja Protestante, nesse momento, passou a encarar o trabalho como algo que edificava e moralizava o homem. Almeida nos traz o seguinte raciocínio:

A Reforma Protestante se insere nesse processo de mudança social e de surgimento de uma nova educação escolar. Alguns aspectos dos movimentos reformadores apontam para a relação entre religião e educação: a atividade laboriosa como um dos sinais da salvação, uso da Bíblia como forma de incentivar a leitura, a educação como obrigação do Estado e direito (e dever) de todo cidadão (ALMEIDA, 2018, p. 33).

As Grandes Navegações iniciadas no século XVI, que visavam abrir mais caminhos para o comércio marítimo, sobretudo português e espanhol, deram o tom da Geopolítica mundial durante parte da Idade Moderna. Isto impactou diretamente na dominação do que se conhece hoje por América e Brasil, bem como, na sua exploração e colonização.

Na educação não foi diferente, com um ensino voltado à dominação portuguesa, o Estado Português, associado a Igreja Católica, enviou a Ordem dos Jesuítas para assumirem a Educação na Colônia. Essas ordens religiosas católicas reafirmaram a busca pela aculturação das tradições dos indígenas e a implantação dos costumes portugueses. Silenciaram assim, muito da cultura indígena e futuramente da africana, considerando-as como primitivas e sem saberes (ALMEIDA, 2018, p. 39 Apud SAVIANI, 2008, p. 123). Ou seja, a educação estava mais uma vez a serviço de poderosos a fim de conseguirem atingir os seus objetivos, o indivíduo ou o coletivo social pouco importava nesse sentido.

Com a Revolução Francesa/Burguesa, o mundo se vê novamente forçado a transformar suas sociedades. Se antes víamos o poder político nas mãos de monarcas absolutistas, com uma burguesia rica em posses, mas politicamente fraca, depois da revolução cujo lema era "Liberdade, Igualdade, Fraternidade", vemos o poder migrar, agora para a tutela de burgueses, futuros donos dos meios de produção em massa.

Bittencourt (2008) discorre que segundo André Chervel, as disciplinas escolares foram se formando a partir do surgimento das necessidades de épocas específicas, se no início do século XIX era importante uma educação voltada mais para o estudo das línguas e ciências humanas por conta da necessidade de uma elite em se manter como a parcela pensante da sociedade, no pós revolução industrial já se percebia a necessidade de se investir em ciências exatas como Física, Química e Matemática por ocasião da busca pelo lucro e capitalização. Nesse sentido:

Foi importante, então, nesse momento, estabelecer as *finalidades* de cada uma das disciplinas, *explicitar* os conteúdos selecionados para serem "ensináveis" e definir os *métodos* que garantissem tanto a apreensão de tais

conteúdos como a *avaliação* da aprendizagem (BITTENCOURT, 2008, p. 41)

A mudança econômica, social e política no mundo pós Revolução Francesa se dá, de fato, com o advento da revolução industrial, quando a filosofia burguesa de mundo consegue impor uma cultura fabril em quase todo o globo. Dessa forma, é preciso produzir em massa e cada vez mais, baratear os custos da produção, vender mais, a mais gente e a países diferentes.

Invariavelmente, como já vimos anteriormente, essa nova filosofia atinge em cheio a educação, transformando-a em produtora de capital humano para alimentar as linhas de produção e o mercado de trabalho. A ordem é: produtividade e lucro.

1.1 O ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

A História, depois de tantas mudanças e transformações, encontra uma maior estabilidade no Brasil no século XIX, tornando-se uma disciplina muito importante no cenário escolar brasileiro. Nesse sentido, Bittencourt nos fala que:

O estudo da História, a partir do século XIX, tem permanecido nos currículos escolares dos diferentes níveis do ensino básico e também como matéria dos cursos preparatórios ou de exames vestibulares brasileiros. A História escolar integra o conjunto de disciplinas que foram sendo constituídas como saberes fundamentais no processo da escolarização brasileira e passou por mudanças significativas quanto a métodos, conteúdos e finalidades até chegar à atual configuração nas propostas curriculares (BITTENCOURT, 2008, p. 33).

A escola brasileira, dessa forma, experimenta uma grade curricular diversa, ainda que não seja perfeita, mas apresenta o mínimo de organização e sentido de existir, que é formar o cidadão para viver em sociedade. Segundo Bittencourt:

A História e outras tantas disciplinas escolares, como a Matemática, a Geografia e a Educação Física, têm, nas últimas décadas, feito parte do cotidiano de milhares de alunos e professores de tal forma, que acabamos por achar natural essa organização curricular e essa maneira de “ser escola” (BITTENCOURT, 2008, p. 34).

Deste modo, o modelo tornou-se tão automatizado, que já “não se imagina” uma escola fora desses padrões estabelecidos: professores e alunos, diretoria e equipe pedagógica amontoados em um prédio padrão, situação que não necessariamente reflete as ambições de docentes e discentes. Assim:

A História e as demais disciplinas escolares fazem parte de um sistema educacional que, embora se redefina constantemente, mantém especificidades no processo de constituição de saberes ou de determinado conhecimento – o *conhecimento escolar*. Nesse sentido, é fundamental

identificarmos qual conhecimento histórico a escola produz (BITTENCOURT, 2008, p. 34).

Portanto, observamos o processo de construção da História com o decorrer do tempo, desde a antiguidade, passando pelo medievo e modernidade até a contemporaneidade, percebendo as mudanças e adequações sofridas pela disciplina, como também, os pontos passíveis de melhora, sobretudo essa educação inflexível encontrada em grande parte das escolas brasileiras.

Desta forma, o estudante de História, munido desse conhecimento, deve desenvolver em sala de aula novas metodologias de ensino, para além das positivistas já encontradas, formando sujeitos históricos mais críticos e cientes do seu papel na sociedade.

2 O CAMPO DE ESTÁGIO: A ESCOLA

A escola visitada chama-se Valdevino Ribeiro da Silva na qual funciona desde a educação infantil até o 9º ano, localizada na rua Josefa Eugênia – 225 no centro da cidade de Curral de Cima-PB. A referida no ano de 2018, quando ocorreu o estágio, mantinha 476 alunos divididos em nove salas das quais duas eram reservadas à educação infantil, onde apenas uma possuía banheiros e pias adaptadas às crianças. As aulas funcionavam nos turnos da manhã e tarde e cada turma tinha cinco aulas diárias.

No que se refere a administração, a escola à época tinha como gestora Maria José Caxias da Silva. Segundo a própria, seu trabalho se resumia em preparar documentação, fazer matrículas, registrar as faltas dos funcionários na folha de frequência, entregar declarações e, se necessário, levar algum aluno que porventura se machucasse ao hospital, além de fazer por vezes o papel de psicóloga.

Com o início do ano letivo, ela e outros funcionários da secretaria, faziam as matrículas e o resumo inicial com o nome de todos os alunos e turmas e no final do ano faziam o resumo de aproveitamento mostrando quem foi aprovado ou reprovado além da pré-matrícula.

Em relação às questões funcionais, o horário utilizado naquele ano (2018) foi preparado por uma professora com a ajuda dos funcionários da secretaria. A biblioteca tinha uma pessoa que trabalhava o dia todo cuidando dos livros, mas que não tinha noção nem mesmo de quantos livros tinha nas prateleiras.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico da escola, tive acesso, no entanto, fui proibido de fazer cópia, o referido era pertinente ao ano de 2014 e não havia sido atualizado até aquele momento.

Quanto aos alunos, percebi que a situação de suas condutas como cidadãos, estavam dissociadas da realidade educacional que creio ser a correta. Além disso, observei que entre os alunos (as) existe uma sexualização precoce, tendo a diretora que proibir a saída deles durante o intervalo, para evitar que engravidem ou contraíam doenças sexualmente transmissíveis, o Conselho Tutelar da cidade já havia sido acionado por denúncias, devido ao encontro dos estudantes no horário do intervalo em locais não apropriados, para manterem relações sexuais.

Além da questão sexual, pude perceber que existiam alunos ligados às drogas, por isso, alguns deles eram proibidos de entrarem no ambiente escolar fazendo uso de bonés, pelo fato de estarem levando drogas escondidas nos próprios acessórios para a sala de aula e áreas.

Sempre que possível eram desenvolvidas na escola, o que podemos classificar como semanas de conscientização, sobre drogas e sexualidade principalmente. Eram semanas inteiras dedicadas a debater com os alunos temas acerca de suas vidas escolares e pessoais. Buscando de alguma forma ajudar na formação cidadã dos alunos além da formação escolar que já era oferecida.

2.1 A EXPERIÊNCIA DOCENTE

No primeiro dia de aulas fui bem recebido pela turma e pela professora, mas confesso que estava muito apreensivo e preocupado quanto ao exercício da atividade docente, uma vez que nunca lecionei, muito menos numa sala de 40 alunos. Mas depois dos minutos iniciais, comecei a me acalmar, dando início ao assunto da aula. A turma na qual lecionei foi o 9º ano A, de 39 alunos e de maioria feminina, com faixa etária média de 15 anos, sob supervisão da Professora Elilaura Toscano que leciona há mais de 27 anos no ensino fundamental.

Dei início às duas primeiras aulas no dia 25 de setembro de 2018, numa terça-feira à tarde. Os assuntos tratados estavam relacionados aos processos de independência das colônias africanas frente ao imperialismo europeu. A metodologia que eu utilizei foi de uma aula expositiva utilizando o globo para que os alunos conseguissem se localizar geograficamente, sabendo dessa forma, onde se situa a

África, e entendendo-a como continente diverso e complexo.

Ao fim da exposição, propus uma produção de texto referente ao conteúdo explorado, demonstrando a importância da democracia em uma nação. Escolhi essa avaliação com o intuito de conhecer o alunado, bem como sua escrita e senso crítico. Como eu já esperava, a situação não era das melhores, apresentando enormes dificuldades no momento de escrever sobre o que foi estudado. Corrigi e fiz um comentário ao fim de cada produção.

Na segunda oportunidade, numa segunda-feira, 01 de outubro de 2018, trabalhei mais duas aulas sobre o assunto da Guerra Fria, discutindo sobre as questões que fizeram ocorrer o conflito ideológico e geopolítico, explicando o motivo do nome peculiar, os agentes participantes, bem como as consequências no mundo globalizado. Pensei numa brincadeira entre os alunos, com perguntas e respostas referentes ao tema estudado com a minha mediação para a minha avaliação, no entanto, não foi possível por não ter tempo hábil e encerrei a aula. Neste momento pude perceber o quanto os acontecimentos externos podem interferir negativamente no bom andamento da aula, prejudicando o rendimento tanto dos alunos na aprendizagem, quanto do professor.

Na terça-feira, 02 de outubro de 2018, dei sequência ao estágio com mais duas aulas, no entanto, devido ao cronograma da escola, não pude dar continuidade ao conteúdo da última aula, e a pedido da professora iniciei outro relacionado ao contexto da Ditadura Militar. Nesse primeiro momento, busquei mostrá-los como foi a tomada de poder por parte dos militares, bem como os motivos que levaram os oficiais do alto comando do exército a tomarem o poder. Ao explicar o assunto, pude perceber que a maioria dos alunos só tinham ouvido falar e desconheciam o período. Para a avaliação, realizei a atividade proposta pelo livro didático e corrigi com eles em sala.

Na segunda, 08 de outubro de 2018, lecionei mais duas aulas, mas pelo fato de não ter conseguido concluir o assunto nas aulas passadas, continuei no contexto da ditadura, demonstrando como ocorriam as torturas legitimadas pelo Ato Institucional 5 e como se deu o processo de abertura política. Busquei usar uma linguagem mais simplificada do que a do livro didático a fim de facilitar a compreensão por todos, mesmo assim me surpreendi como os alunos foram participativos na aula.

Para complementar a minha fala, optei por levar um vídeo que mostrasse os

relatos das pessoas que foram perseguidas e torturadas pelo regime. Após o vídeo, como atividade propus uma discussão sobre democracia relacionando aos depoimentos das pessoas e a conversa foi muito proveitosa, vi que minha aula rendeu ótimos frutos na aprendizagem dos alunos.

Já na terça-feira, dia 09 de outubro de 2018, dei as duas últimas aulas do estágio e por ser meu último encontro em sala, a professora me deu a oportunidade de preparar uma aula que estivesse de acordo com o que eu, como futuro professor de História, achasse mais interessante. Decidi discutir em um círculo na sala sobre o papel da História e sobre o quão importante é a disciplina para a sociedade, além disso, tentei fazê-los perceber quão inteligentes e capazes eles são, tendo em vista a discussão de uma temática tão complexa.

Pensamos juntos sobre a importância de estudar a nossa sociedade e entender o que acontece ao nosso redor. As opiniões que os alunos e alunas expressaram foram muito interessantes, pois mostraram a maneira como eles enxergavam as coisas ao seu redor, assim como o meu estágio, pois pedi suas considerações a respeito das aulas que preparei. Ao final distribuí chocolates a todos, agradecendo a compreensão e a participação nas minhas aulas.

3 METODOLOGIA

A História como disciplina escolar vive constantemente um dilema que continua sendo difícil de resolver, a metodologia utilizada pelos professores. O que tem trazido debates acadêmicos extensos e profundos, com o intuito de discutir qual a melhor forma de construir o conhecimento no ambiente escolar.

Por vezes, é perceptível que o conteúdo da disciplina de História, ensinado em sala de aula, não faz sentido em relação a vivência dos alunos, tendo em vista suas condições socioeconômicas e as realidades experienciadas fora do ambiente escolar. Por isso, é importante que o professor de História busque meios de fazer com que os conteúdos estudados se relacionem com a própria vida do estudante entendendo-o como sujeito social e que, por isso, participa da construção histórica da sua comunidade, da sua cidade e do seu país.

Nesse sentido, Bittencourt (2008) nos chama atenção para uma questão importante: não necessariamente o tradicional é sinônimo de algo ruim metodologicamente falando, pois se bem aplicadas, essas metodologias logram

êxito em sala de aula e devem ser aprimoradas por outras que surgem com o passar do tempo.

Porém, o modelo tradicional também tem seus pontos passíveis de melhora e nesse sentido Bittencourt afirma que: “Uma das críticas mais pertinentes sobre os métodos tradicionais focaliza a insuficiência deles na formação intelectual ou no desenvolvimento do espírito crítico dos alunos” (BITTENCOURT, 2008, p. 230).

E essa questão talvez seja a mais importante a ser discutida na minha experiência de estágio, pois durante as aulas do ano letivo na escola, não somente em História, mas nas outras matérias do currículo escolar, a criticidade dos discentes não é estimulada, assim como, a escrita, a leitura e o uso dos cálculos básicos de Matemática, ou seja, os estudantes estão sendo mal formados.

Nesse contexto, quanto à metodologia utilizada na escola Valdevino Ribeiro da Silva, havia uma preocupação evidente no que concernia ao aprendizado dos alunos por parte da diretora e da coordenadora, no entanto, essa preocupação não atingia a maioria dos professores, pois muitos deles já tinham mais de 20 anos de sala de aula, e, portanto, estavam ali somente para cumprir as horas semanais e receber os seus respectivos salários, bem como, esperarem ansiosamente pelo momento da aposentadoria.

Essa falta de interesse dos professores refletia na inviabilização dos projetos e metodologias propostas pela direção e coordenação pedagógica, gerando um ambiente de desorganização e falta de comprometimento inclusive dos estudantes.

No que se refere ao uso dos materiais didáticos, percebi que a professora fazia somente uso do livro didático da Coleção Projeto Araribá, e dessa forma, recomendou o uso dele e a continuação do sumário nas minhas aulas. Ou seja, o positivismo ainda persistia na escola, pois a professora não realizava pontes com outros componentes curriculares para a promoção da tão atual interdisciplinaridade, não exibia vídeos, músicas nem nada que não estivesse no livro didático. Grosso modo, era uma aula decorativa de dados que eram apresentados aos montes para os estudantes.

Bittencourt destaca que essa concepção de ensino:

Fundamenta-se na idéia de que ensinar é transmitir um conhecimento e aprender é repetir tais conhecimentos da maneira como foi transmitido, sustentando a visão de que o aluno não possui nenhum saber sobre o que está sendo apresentado como objeto de ensino (BITTENCOURT, 2008, p. 230).

Além disso, os alunos não tinham o hábito de produzir textos referentes aos temas estudados em sala, apresentavam graves dificuldades em relação à Língua Portuguesa, em problematizar o que foi estudado, repetindo frases inteiras do livro ou que foram faladas por mim durante as aulas. Portanto, as metodologias utilizadas pela professora na sala de aula, não buscavam trabalhar as dificuldades dos alunos nos seus vários aspectos, nem tampouco, tentava discutir sobre questões que fizessem parte do cotidiano do alunado a fim de despertar neles o interesse pela História.

Leandro Karnal discute um pouco sobre a dificuldade que alguns professores com mais anos de sala de aula têm em relação às novas metodologias.

A metáfora usada por Umberto Eco descreve as duas atitudes básicas diante da tecnologia. Uma refere-se aos apocalípticos, aqueles que lamentam o surgimento dos novos recursos e anunciam um declínio profundo e um fim próximo. Outra atitude está nos integrados, os que utilizam, aproveitam e vivem, com prazer, a tecnologia. Quase sempre, no magistério, essa linha é cronológica. Professores mais velhos apresentam mais dificuldades com certos recursos modernos e os mais jovens costumam ser integrados. Entre os alunos, nunca encontrei quem lamentasse as modernas tecnologias, mas apenas os que deploram não ter ainda o aparelho mais recente em mãos (KARNAL, 2012, p.81).

Partindo de todas essas informações acerca dos alunos, que eu já conhecia desde o estágio de observação, busquei não mudar a dinâmica das aulas da professora no sentido de levar conteúdos que fossem importantes ao meu ver ou levar atividades que fossem possíveis dentro das possibilidades da turma e da escola.

Atentei-me, dessa forma, às orientações da professora tendo em vista o curto espaço de tempo que havia para o desenvolvimento das minhas aulas, e por isso, fiz o uso do livro didático com os estudantes. Porém, busquei abrir discussões mais amplas sobre os temas em questão, optei por fazer com eles produções de textos, análises de vídeos e observações mais demoradas ao mapa mundi para que eles pudessem se situar geograficamente, assim como, o que estava sendo estudado. A receptividade deles foi ótima, principalmente por ser uma turma de 9º ano e já terem uma carga de saberes advindos de experiências pessoais muito grande.

Portanto, percebemos que o tradicional pode sim ser usado enquanto metodologia exitosa em sala de aula e o livro didático não deve ser considerado o vilão, pois ele é muito importante principalmente em escolas como essa onde os recursos didáticos não são tão abundantes. Contudo, existem outras metodologias que podem e devem ser associadas ao livro didático como: livros da biblioteca da

escola, músicas, vídeos, discussões, desenhos e artes em geral, imagens, jornais, enfim a lista é imensa e o limite é a criatividade do professor.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola Valdevino Ribeiro da Silva tinha uma grande estrutura física, com espaços de convivência que eram muito utilizados pelos estudantes nos períodos de intervalo, principalmente para conversas. Contudo, foram mal utilizados, pois as potencialidades de um prédio tão grande não foram exploradas devidamente como mostra a tabela abaixo.

Tabela 1 - Estrutura material e pedagógica da escola

Biblioteca	Apenas 1 contendo mais de quinhentos livros na qual funcionava uma sala de vídeo com televisão.
Sala de Informática	Estava inativa, pois grande parte dos computadores estavam quebrados.
Funcionários	Ao todo haviam 37 dos quais 22 eram professores.
Secretaria	Apenas 1 na qual eram resolvidos todos os assuntos referentes à escola, como questões administrativas e reuniões com alunos.
Sala dos Professores	Apenas 1.
Banheiro Feminino	Haviam 4.
Banheiro Masculino	Haviam 4.
Cantina	Apenas 1.
Salas de Aula	Existiam 9 todas com ar condicionado.
Datashow	Apenas 1.
Sala de Vídeo	Apenas 1 que funcionava dentro da biblioteca.
Bebedouro	Apenas 1.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2018.

O primeiro ponto a ser pensado é a biblioteca que não era utilizada pelos integrantes da comunidade escolar. A leitura é muito importante no processo de formação de qualquer estudante, pois favorece o aumento do vocabulário, a capacidade de interpretar um texto, a imaginação e a escrita. Se trabalhada corretamente e de forma intencional, a biblioteca gera frutos importantes dentro da escola.

A sala de informática também configura um ponto de atenção, tendo em vista que a maioria dos alunos só têm acesso a um computador e até a internet se estiverem na escola. Dessa forma, não fazia sentido ter esse espaço se não em benefício da comunidade escolar.

Além disso, mais um tópico importante a se frisar: a falta de material mais “tecnológico” na escola. Ou seja, apenas um projetor era insuficiente para as 9 turmas existentes na escola, assim como, apenas uma sala de vídeo com somente uma televisão num espaço apertado e sem o menor conforto, impossibilitando o aluno de se interessar em assistir um filme ou documentário por completo.

São muitas as questões em relação ao espaço físico da escola. Pois este deveria estar de acordo com os anseios da comunidade escolar mantendo mesmo que de forma simples, a organização, limpeza e melhor utilização dos espaços de modo a utilizarem todas as suas possíveis potencialidades.

Para concluir tal discussão, trago abaixo uma foto da turma de 9º ano em uma viagem que fizemos no período de tempo que compreende o estágio de observação com eles ainda em 2018.

Na ocasião, no dia 08 de maio, a professora Elilaura de História, a professora Aldiene de Ciências, o professor Noel de Física e o inspetor Gerson uniram os estudantes no horário da tarde, e eu fui convidado a participar de uma visita ao conjunto de nascentes que abastecem a cidade de Curral de Cima, a fim de criar uma aula mais dinâmica e discutir sobre os problemas de abastecimento enfrentados pela cidade.

Percebemos então que algumas iniciativas interessantes são desenvolvidas na escola mesmo que de forma pontual demonstrando que a mudança é possível quando a comunidade escolar se envolve buscando juntos o mesmo resultado.

Figura 1 - Turma do 9º ano



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2018.

5 CONCLUSÃO

Considero de extrema importância a experiência do estágio, consegui perceber que a prática realmente é imprescindível no que diz respeito à atividade docente, percebi como o dia a dia escolar pode ser cansativo, como os alunos reagem às avaliações, enfim. Consegui lecionar durante 10 aulas, no entanto, confesso que senti dificuldades em planejá-las, bem como acompanhar o cronograma escolar.

Além disso, o tempo curto e corrido não favoreceram, as interrupções externas influenciaram negativamente no meu equilíbrio e atenção, e confesso que não sei ainda lidar com certos comentários e olhares sobre meu jeito de andar e/ou falar.

Contudo, o estágio contribuiu positivamente na minha percepção do que realmente é uma aula e como ela acontece, como funciona uma sala de professores e o quanto eles comentam sobre os alunos indisciplinados e como os bons alunos sequer são lembrados, professores esses descontentes com a profissão e dando conselhos ao estagiário de não permanecer, e se possível, conseguir o quanto antes uma pós-graduação para fugir daquele “inferno”.

Corroborando, assim, com a ideia de Karnal:

Não conheço nenhum professor que não tenha encontrado, em alguma série ou escola, um (ou mais) aluno(s) difícil(ceis) de conviver. Se começamos a falar com profissionais dessa área, sempre há um caso complicado para relatar, um colega que “quase” enlouqueceu quando deu aula para “aquele anjinho”, outro que soltou fogos de artifício ao saber que o referido aluno pediu transferência para uma escola bem distante da sua... Há tantas histórias que dariam vários e vários livros (KARNAL, 2012, p.97).

Em suma, avalio como proveitoso o estágio, pois pude abrir os olhos quanto às realidades escolares da atualidade e crescer enquanto profissional da educação, que durante sua experiência de estágio conseguiu ver um pouco do que é a educação pública brasileira e seus desafios que futuramente serão vislumbrados por mim durante minha prática de ensino na escola.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vasni de (org.). **História da educação e método de aprendizagem em ensino de história**. Palmas/TO: EDUFT, 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2012.

PROJETO ARARIBÁ. **História**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2014.

AGRADECIMENTOS

A Iran Pedro, meu padrasto/pai, pelo apoio de sempre e pela torcida.

Ao Professor João Bueno, pela atenção e por ser tão solícito no momento em que eu mais precisei.

Ao Professor Carlos Adriano, pelos debates saudáveis, democráticos, respeitosos e enriquecedores em tantas aulas magistrais.

Aos meus queridos colegas de curso e amigos Natanael Fontes, David Araújo e Mateus Gama, pelas felizes tardes e por todo companheirismo.

Aos amigos Fátima Caxias e Maylton Fernandes, pelos bons combates em prol da educação de Curral de Cima e contra os tiranos e despreparados que a governam.

À Thaís Rafael, minha amada irmã.

À Genilma Ricardo, querida amiga, a qual guardo profunda admiração e respeito.

À minha companheira de vida, Raquel Figueiredo por todo o amor, paciência e parceria. O meu muito obrigado.